

O texto teatral no desenvolvimento da oralidade em língua¹

Islia Cristina Teixeira VAZ²

Resumo: O seguinte trabalho, efetuado com o auxílio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), tem como objetivo principal investigar a eficácia da utilização do texto teatral em sala de aula, auxiliando no desenvolvimento da oralidade em língua estrangeira. A principal motivação para que a presente pesquisa fosse realizada foi a percepção que se teve de um aparente medo de falar dos alunos que chegam ao nível intermediário do curso de francês. Como metodologia, foi utilizada a Pesquisa-Ação (BARBIER, 2007), juntamente com o auxílio das reflexões teóricas de Courtillon (2003), Schneuwly e Dolz (2010) e Reis (2008). Como material de pesquisa, foram feitas análises qualitativas dos diários de bordo recebidos dos alunos da Prática do Francês Oral e Escrito 4 (PFOE 4), na Universidade de Brasília (UnB), turma em que a experiência foi realizada.

Palavras-chave: Língua Estrangeira; Texto Teatral; Oralidade.

Abstract: The following essay, performed with the help of the National Council for Scientific and Technological Development (CNPq), has as aim the investigation of the efficacy of the use of theatrical text in the classroom, helping in the development of oral communication in a foreign language. The motivation for this research was the perception that students who are in the intermediate level of French course had an apparent fear of speaking. The methodology used was the Action Research (BARBIER, 2007), with the aid of the theoretical Courtillon (2003), and Schneuwly and Dolz (2010) and Reis (2008). Qualitative analysis were performed with the logbooks received from students of Oral and Written Practice of French 4 (PFOE 4) as research materials, at the University of Brasilia (UNB), class in which the experiment was conducted.

Keywords: Foreign Language; Theatrical text; Orality.

Introdução

A riqueza de uma língua está nas diversas formas como esta se molda para poder se adequar aos diversos usos e contextos criados por seus falantes. Para poder entender suas particularidades e especificidades, utiliza-se dos gêneros textuais – orais e escritos – como auxiliares no processo de aprendizagem de um idioma.

Possuindo o poder da escolha de um entre inúmeros gêneros textuais para se trabalhar em sala de aula, pensou-se na utilização

1 Pôster apresentado no 9º Congresso de Iniciação Científica do DF e 18º Congresso de Iniciação Científica da UnB, Brasília, de 22 a 25 de Outubro de 2012 e premiado no mesmo evento na categoria de "Melhor Trabalho por Sessão" (Sessão 31). Pôster também apresentado no IV Congresso Latino-Americano de Formação de Professores de Línguas, Brasília, de 27 de Fevereiro a 1º de Março de 2013.

2 Graduada em Letras-Francês da Universidade de Brasília (UnB). Graduada em Letras-Francês. Brasília-DF. Correio eletrônico: isliacristina@hotmail.com.

do texto teatral e eis que surge a seguinte questão: até que ponto o texto teatral seria capaz de auxiliar no desenvolvimento da oralidade de alunos de nível intermediário de língua estrangeira (LE)?

Esse gênero não foi escolhido em vão. Em meio às suas inúmeras características, o texto teatral possui uma particularidade interessante: é um texto escrito, mas que, na verdade, foi produzido para ser oralizado. O texto em questão, utilizado nesta pesquisa, foi "À petites pierres" (2007) do autor togolês Gustave Akakpo. Sendo a língua um dos meios criados para se expor a visão de mundo de cada cultura, optou-se por esse autor justamente para poder mostrar aos alunos como era a visão de mundo de um país colonizado pela língua francesa.

Esse nível também não foi escolhido em vão. Em geral, depois de passar por muita teoria e pouca prática nos níveis iniciais de aprendizagem de LE, o aluno de nível intermediário encontra-se alheio quando o assunto é se expressar oralmente. Ele se perde no momento de entrelaçar a teoria com a prática, pois esse processo em sua escolaridade aconteceu com pouca frequência.

Neste artigo, será exposta, em um primeiro momento, a fundamentação teórica, tendo como base autores já engajados em pesquisas sobre jogos teatrais, oralidade e gêneros orais. Em um segundo momento, serão apresentadas as reflexões sobre a metodologia de pesquisa aplicada, com suas características particulares para tratar esse tipo de problema. Em um terceiro momento, será abordada a experiência prática, relatando o processo que norteou esta pesquisa e, por fim, a análise dos dados que puderam ser recolhidos após a experiência prática.

Sendo assim, através deste estudo, busca-se sugerir um meio de amenizar o problema do medo ou da insegurança dos alunos de nível intermediário de LE ao se expressarem oralmente.

Fundamentação Teórica

Quanto mais se avança nos estudos de uma língua estrangeira, maior é a capacidade que se adquire para poder expressar-se nela. Esta frase resumiria o objetivo principal dos estudantes e professores de idiomas, mas, infelizmente, não é isso que se pode perceber na

maioria dos casos, no decorrer desse aprendizado.

Geralmente esse problema se inicia no nível intermediário do curso, período em que os alunos são postos à prova no quesito expressão oral. Isso ocorre porque estes, que estavam acostumados a estudarem a estrutura propriamente dita da língua, sem muito contato com a realidade do seu uso, são confrontados com situações em que deverão desenvolver essa oralidade, mas se veem travados pela falta desse hábito, pelo medo de falarem algo errado ou por estarem acostumados a sempre reproduzirem diálogos escritos.

De acordo com esse raciocínio, Courtillon (2003) afirma que:

Utilizar a língua, não é somente manipular estruturas, é também transmitir os sentidos de acordo com a intenção da comunicação e adaptados linguisticamente à situação de comunicação na qual se encontra³ (COURTILLON, 2003, p. 6, tradução nossa).

No entanto, o que mais se nota no desenvolver desses cursos é a carência de momentos que induzam os alunos a falarem, momentos estes que seriam uma forma de treinamento para que eles pudessem se acostumar a não ficarem presos somente ao papel e a modelos de diálogos pré-elaborados. Dessa forma, os alunos se sentem perdidos e limitados quando se encontram em situações de comunicação, sendo estas reais ou improvisadas no ambiente de sala de aula.

Courtillon (2003) também ressalta que: "Uma comunicação, mesmo que mínima, é o principal motor da aquisição da língua, o que significa dizer que a estrutura se aprende na comunicação, e não antes dela⁴" (COURTILLON, 2003, p.7, tradução nossa).

Ou seja, não é somente através de exercícios de gramática que os alunos aprenderão a se comunicar em língua estrangeira, é preciso colocá-los em prática, relacionando-os a situações reais nas quais se sintam como seres ativos na língua estrangeira. Torna-se imprescindível que sejam criadas condições para que eles se sintam existir em outro idioma e não somente reproduzam o que é pedido nos enunciados dos exercícios dos livros didáticos.

3 «Utiliser la langue, ce n'est pas seulement manipuler des structures, c'est aussi véhiculer des sens conformes à l'intention de communication et adaptés linguistiquement à la situation de communication dans laquelle on se trouve» (COURTILLON, 2003, p.6).

4 « [...] une communication, même très réduite, est le principal moteur d'acquisition de la langue, c'est-à-dire que la structure s'apprend par la communication, et non avant elle. »

Tendo em mente essa dificuldade para o desenvolvimento da expressão oral, a presente pesquisa foi baseada no trabalho de Barbier (2007) que traz a proposta de Pesquisa-Ação, na qual se busca encontrar a raiz de um problema de determinada comunidade, através de um trabalho em conjunto do pesquisador com o grupo em questão para que, trabalhando juntos, o problema possa ser encontrado e resolvido.

Sendo assim, Barbier (2007) declara que:

A pesquisa-ação reconhece que o problema nasce, num contexto preciso, de um grupo em crise. O pesquisador não o provoca, mas constata-o, e seu papel consiste em ajudar a coletividade a determinar todos os detalhes mais cruciais ligados ao problema, por uma tomada de consciência dos atores do problema numa ação coletiva (BARBIER, 2007, p. 54).

Servindo como amparo para o problema em questão, através dessa metodologia, pode-se analisar os motivos que fazem com que os alunos de nível intermediário não consigam se expressar em língua estrangeira. É preciso, antes de tudo, que eles reconheçam que, verdadeiramente, existe um problema e que este atrapalha o desenvolvimento deles, no caso, a oralidade da língua estrangeira.

O pesquisador tem um papel importante nesse processo, pois ele é uma das peças-chave para que haja uma tomada de consciência coletiva de que algo no grupo ainda precisa melhorar. Sendo assim, ele propõe maneiras para que esse entrave, aos poucos, seja resolvido.

Vindo em auxílio à superação dessa dificuldade e servindo como objeto de desenvolvimento da oralidade, Schneuwly e Dolz (2010) trazem como recurso a ideia da utilização do gênero textual em sala de aula. Segundo eles,

Os gêneros textuais, por seu caráter genérico, são um termo de aprendizagem intermediário para a aprendizagem. Do ponto de vista do uso e da aprendizagem, o gênero pode sim, ser considerado um *meainstrumento* que fornece um suporte para a atividade, nas situações de comunicação, e uma referência para os aprendizes (SCHNEUWLY e DOLZ, 2010, p. 64).

O gênero textual, em qualquer língua, é algo fundamental para que se exista a comunicação. Como já afirmava Bakhtin (1953/1979, p.302): “se cada vez que houvesse um processo de fala tivéssemos de construir um gênero do discurso, a comunicação seria impossível”.

Utilizando-se desse objeto de amparo para a aprendizagem da língua francesa, os alunos poderão perceber que os gêneros textuais, tanto orais como escritos, são inerentes a qualquer língua, podendo assim transformar esse ensino e torná-lo cada vez mais próximo da realidade, fator que levará o aluno a perceber e entender melhor o uso de determinadas estruturas da língua e não somente decorá-las.

Defensores do uso dos gêneros orais de língua materna em sala de aula, Schneuwly e Dolz (2010) ressaltam ainda que:

Trabalhar os orais pode dar acesso ao aluno a uma gama de atividades de linguagem e, assim, desenvolver capacidades de linguagem diversas; abrem-se igualmente, caminhos diversificados que podem convir aos alunos de maneiras muito diferenciadas, segundo suas personalidades (SCHNEUWLY e DOLZ, 2010, p. 117).

Os autores acreditam que, ao se trabalhar os gêneros orais, os alunos, através do hábito dessa utilização, poderão desenvolver com maior facilidade o idioma e cada vez mais dominar esses recursos da comunicação. Durante as investigações que foram feitas, pôde-se observar que o mesmo ocorre em língua estrangeira.

Para dar sequência à pesquisa, o gênero escolhido foi o texto teatral, pois além deste ser uma ótima ferramenta para que os alunos comecem a perder o medo de falar em qualquer língua, mas principalmente, em língua estrangeira, proporciona uma experiência viva e dinâmica da língua, induzindo assim, os alunos a se envolverem no discurso e perderem o medo ao falar. Por ser um texto escrito, mas que na verdade foi criado para ser oralizado, o texto teatral faz com que os alunos tenham uma percepção maior das diversas maneiras e intensidades de como a língua pode ser utilizada. Sendo assim, eles acabam observando que ela não é sem entonação e nem neutra: ela oscila o tempo todo de acordo com as intenções que se deseja dar ao discurso, pois se não houver clareza no que se tem intenção de passar ao ouvinte, não haverá comunicação. Seguindo essa ideia, Reis (2008) afirma que:

[...] o trabalho com a especificidade do texto teatral, um texto para ser encenado e que se situa entre o oral e o escrito, usado em conjunto com o jogo dramático, ferramenta que cria um ambiente apropriado à comunicação, parece ser uma solução viável e eficiente para estimular a expressão oral e a comunicação dos alunos de francês língua estrangeira, além de lhes oferecer o conhecimento de importantes criações

literárias e culturais presentes no universo teatral francês (REIS, 2008, p.15/16).

Ao se empregar o texto teatral, automaticamente pode-se utilizar os jogos teatrais como auxílio para o desenvolvimento de atividades sobre esse gênero, pois estes fazem com que haja uma interação no grupo, proporcionando assim um ambiente mais leve, descontraído e favorável à participação de todos. Partindo para esse pensamento, pode-se utilizar das ideias de Spolin (2010), que propõe o uso de jogos teatrais em sala de aula. Para a autora, é preciso experienciar para que o aprendizado possa acontecer. Ela dá muita ênfase no que diz respeito à exploração do nível intuitivo do aluno, fator que condicionará a vontade de aprender. Além disso, o jogo teatral é capaz de gerar momentos instintivos, deixando os alunos mais próximos, do que se diz ser o natural, fazendo com que esses momentos sejam propícios ao seu desenvolvimento. Segundo Spolin (2010),

O jogo é psicologicamente diferente em grau, mas não em categoria, da atuação dramática. A capacidade de criar uma situação imaginativamente e de fazer um papel é uma experiência maravilhosa, é como uma espécie de descanso do cotidiano que damos ao nosso eu, ou as férias da rotina de todo dia. Observamos que essa liberdade psicológica cria uma condição na qual a tensão e conflito são dissolvidos, e as potencialidades são liberadas no esforço espontâneo de satisfazer as demandas da situação (SPOLIN, 2010, p.5).

De acordo com esse raciocínio, Courtillon (2003) traz a reflexão sobre como essa interação em grupo pode gerar a afetividade, fator extremamente importante para que a barreira do medo de falar seja quebrada. Segundo a autora: "Apresentar elementos linguísticos em uma situação marcada pela afetividade dos locutores assegura certamente uma boa percepção das formas e dos sentidos⁵" (COURTILLON, 2003, p.38, tradução nossa).

Ciente dos benefícios que esse gênero pode trazer foi escolhido o texto teatral "À Petites Pierres" (2007) do autor togolês Gustave Akakpo. Por se tratar de um texto de um autor africano, os alunos podem ter uma percepção mais ampla da língua francesa, saindo dos estereótipos que são criados em torno desse idioma, como, por exemplo, o de que o francês só é falado na França. Sendo assim, eles

5 « [...] présenter des éléments linguistiques dans une situation marquée par l'affectivité des locuteurs assure presque certainement une bonne perception des formes et des sens »(COURTILLON, 2003, p.38).

são capazes de expandir seus conceitos, pois o francês também é falado no Togo – África, um país que ainda sofre com muitos problemas de desenvolvimento social e econômico.

Assim, o gênero teatral vem em auxílio para o grande problema da não-oralização em língua estrangeira, fazendo com que os alunos sintam que existem e que têm voz em outro idioma. Progressivamente, eles se sentirão capazes de se expressar e de se fazer entender neste idioma, sendo este fato uma motivação para que o aprendizado não pare.

Neste item, teve-se a intenção de apresentar os suportes teóricos que deram embasamento para que esta pesquisa pudesse ser realizada, expondo ideias, fundamentando-as e entrelaçando-as com o problema em questão – o do receio existente entre alunos de nível intermediário ao expressarem-se em língua estrangeira.

Após a apresentação das teorias que deram embasamento para que esta pesquisa pudesse ser desenvolvida, será apresentada a metodologia que foi utilizada no decorrer deste trabalho.

Metodologia

Nesta etapa do trabalho, será apresentada a metodologia que norteou toda a parte prática desta pesquisa, buscando mostrar as etapas às quais este trabalho foi submetido.

Como já mencionado anteriormente, esta pesquisa teve como base a metodologia proposta por Barbier (2007), que está presente em sua obra "A Pesquisa-Ação". Esse método diz respeito a um trabalho em conjunto de uma comunidade que esteja passando por algum tipo de problema juntamente com um pesquisador da área em conflito. Trata-se de um processo ao qual se visa priorizar a parte prática para a resolução desses problemas, como diz Barbier (2007),

O problema da pesquisa-ação não é uma nova lógica de pesquisa a conquistar, mas a de uma nova estratégia que se distancia da pesquisa experimental porque esta contém intrinsecamente uma lógica artificial quanto à realidade de vida (BARBIER, 2007, p. 33).

Essa metodologia foi escolhida justamente por seu caráter comunitário, com o qual todos os sujeitos do impasse estão envolvidos e, reconhecendo que existe algo a ser melhorado ou resolvido, busca

um terceiro – o pesquisador – para que, trabalhando juntos, essa situação possa mudar. O pesquisador aqui entra como uma ferramenta de auxílio, com a função de tentar encontrar a raiz do problema e torná-la clara para que os envolvidos em questão possam reconhecê-la e descobrir uma maneira de solucioná-la.

Trazendo essas concepções para o problema que gerou esta pesquisa, o principal objetivo dessa metodologia foi fazer com que os alunos de francês, de nível intermediário perdessem o medo de errar ao se expressarem oralmente.

Em termos práticos, foi escolhido um grupo que já possuía certo grau de conhecimento da língua francesa, fato este perceptível, pois em suas redações, conseguiam se expressar de maneira admirável, muito embora sofressem um bloqueio quando colocados à prova em discussões que aconteciam em sala de aula. Um fator importante para que a pesquisa tivesse continuidade foi a percepção que a própria turma tinha desse fato. Eles queriam mudar, mas tinham medo e não sabiam como quebrar essa barreira.

Para que o grupo pudesse, de alguma forma, ser auxiliado, pensou-se na utilização dos jogos teatrais aliados ao texto dramático para que os aprendizes pudessem trabalhar em conjunto, tornando-se assim mais claro que todos estavam na mesma situação e que eles podiam e sabiam sim falar em francês. O jogo teatral, como já mencionado, por possuir um caráter desinibidor, foi um fator de extrema importância para que o objetivo pudesse ser alcançado. Ademais, o texto dramático, por ser algo bem próximo à realidade em que eles vivem, proporcionou uma melhor aceitação da atividade.

Neste tipo de metodologia, o pesquisador, antes de tudo, tem de estar ciente de toda essa dificuldade e encontrar meios para que essa situação seja manobrada. Ele tem que se colocar, de certa forma, no lugar do outro, para poder entender o motivo desse entrave acontecer. Com esse raciocínio, Barbier (2007) declara que:

O pesquisador deve saber sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro para “compreender do interior” as atitudes e os comportamentos, o sistema de ideias, de valores, de símbolos e de mitos (BARBIER, 2007, p. 94).

Ainda hoje, tem-se a cultura de que o professor que está na frente da sala, explicando é quem detém o poder da palavra e que o

aluno, teoricamente em posição inferior, simplesmente tem de ouvir e ficar calado. Com esse entendimento, muitos estudantes ainda se sentem nessa situação, sentem medo de serem recriminados tanto pelo professor, quanto pelos colegas de sala, pela cogitação da ideia de estes acharem errado o que aquele disse.

Estando a par dessa dificuldade, que em língua estrangeira se torna pior, foi feito um ateliê de teatro, cujos detalhes serão relatados no próximo tópico. Teve-se essa ideia, para que, assim, os alunos pudessem se sentir mais à vontade para se expressarem, sem o medo da desaprovação ou da ridicularização do outro.

Utilizando-se da Pesquisa-Ação (2007), com esse ateliê, buscou-se induzir um ambiente de descontração em sala de aula, tentando passar aos participantes uma atmosfera à qual eles não eram obrigados a fazer nada que não estivessem com vontade, uma atmosfera de espontaneidade, de liberdade. Mas, ao mesmo tempo, a todo o momento foi ressaltado o fato de eles já terem uma boa base na língua francesa e que eles não precisariam ficar receosos ou acuados por conta do medo. Afinal, todos ali estavam em um crescimento conjunto no aprendizado, sendo a dúvida ou o erro fatores naturais a esse processo.

Como se trata de uma pesquisa existencial – voltada para assuntos que têm relação com a afetividade humana ou com o potencial humano –, toda Pesquisa-Ação tem suas particularidades e especificidades. Cada caso deve ser tratado de uma maneira que mais se adapte ao contexto social em que cada comunidade se encontra. Com esse raciocínio, Barbier (2007) destaca que: “Toda pesquisa-ação é singular e define-se por uma situação precisa concernente a um lugar, a pessoas, a um tempo, a práticas e a valores sociais e à esperança de uma mudança possível” (BARBIER, 2007, p. 119).

Para que se pudesse investigar sobre a eficácia desse método, ao final desse ateliê, foi pedido aos participantes que escrevessem suas impressões da atividade em um diário de bordo, instrumento de coleta de dados proposto por Barbier que permitiu analisar até que ponto o teatro, com seus recursos, poderia auxiliar no desenvolvimento da oralidade em LE.

Experiência Prática e Análise de Dados

No presente item, será apresentada a parte prática que norteou esta pesquisa juntamente com a listagem das características da população a qual foi submetida à experiência. Mostrar-se-á também os dados que puderam ser coletados e toda a análise que foi feita em torno deles.

A atividade que deu base ao presente trabalho foi aplicada na turma de Prática do Francês Oral e Escrito 4 (UnB – Universidade de Brasília). A população, com doze participantes, possuía entre 18 e 28 anos, com a exceção de uma pessoa de 37 anos. Sendo a maioria do sexo feminino, eles pertenciam a cursos bem diversificados: Língua Estrangeira Aplicada, Artes, Ciências Políticas, História, Letras e Letras-Francês.

Como mencionado anteriormente, o principal objetivo dessa atividade foi fazer com que os alunos de francês do nível intermediário perdessem o medo ao se expressarem oralmente em sala de aula e, para que, de alguma forma, essa meta pudesse ser alcançada, pensou-se em fazer um ateliê de teatro com a turma.

De início, utilizou-se um fragmento da obra teatral “À Petites Pierres” (2007), de Gustave Akakpo para que a turma tivesse uma percepção das particularidades que existem em um texto teatral. Neste caso específico, o foco foi na forma como o autor escrevia, na maneira poética e, ao mesmo tempo simples, à qual ele passava as informações ao leitor. Focou-se também no tema polêmico apresentado por Akakpo: a lapidação. No decorrer da leitura, ele apresenta, de uma maneira cômica, porém séria, esse tema tão intenso que foi fonte de várias reportagens na mídia internacional, no ano de 2003, na Nigéria.

Sendo a maior parte do ateliê ministrada em Francês, foi pedido aos participantes que lessem o fragmento, a princípio, sem nenhuma recomendação, só para que eles pudessem ficar menos desinibidos e começassem a participar da atividade. A partir de uma primeira leitura, as dúvidas relacionadas ao vocabulário foram tiradas e iniciou-se um debate sobre a lapidação, tema principal da obra. Através dessa iniciativa, foi perceptível o grau de desconforto da turma quando solicitada a falar em francês. Foi necessário se fazer várias perguntas para que pelo menos eles respondessem, já que não era fácil expor a

opinião espontaneamente.

Após o debate, foi feito um aquecimento composto por vários exercícios de relaxamento, como andar, respirar e alongar. Ainda com o auxílio do texto teatral, foi pedido que eles escolhessem uma frase qualquer e a falassem de três maneiras diferentes, mostrando que, como em qualquer língua, é preciso ser claro no que se deseja passar ao ouvinte e que de acordo com a maneira, entonação que se diz determinada coisa, ela passa a ter um sentido completamente diferente.

Outro exercício proposto foi que eles falassem essa frase e andassem ao mesmo tempo, mas a entonação e a força pronunciadas deveriam ser de acordo com o ritmo de seus passos. Sendo assim, eles poderiam começar a ter uma percepção do ritmo e do som que possui a língua francesa, tentando de alguma forma, diminuir esse travamento na hora de falar. Pensou-se também na ideia de fazer com que eles repetissem a frase e, com o foco em algum parceiro, continuassem a andar pelo espaço da sala. Aqui, o objetivo foi que eles tivessem interação entre si e que percebessem que não precisariam ficar com vergonha uns dos outros.

Ainda seguindo com o auxílio dos jogos teatrais, foi feita uma roda. Aqui, eles deveriam falar a primeira palavra em francês que lhes viesse à cabeça e passar a vez a outro colega com um gesto qualquer, tudo muito rápido. A intenção foi que eles se acostumassem com a ideia da improvisação e que eles, estudantes da língua francesa, ainda passariam por situações nas quais não tenham muito tempo de pensar ao serem perguntados sobre alguma coisa. Também foi ressaltada a ideia de que eles comesçassem a pensar em Francês e não mais fizessem tradução para o Francês, tentando incorporar a estrutura da língua no discurso, para que assim o aprendizado pudesse ser mais proveitoso e significativo.

Depois desta fase de aquecimento, tentando ressaltar pontos importantes para que houvesse o processo de desprendimento da vergonha e do medo, foi proposta a atividade principal do ateliê: que eles improvisassem uma cena sem a ajuda de livros ou qualquer recurso tecnológico. Eles deveriam criar uma situação e expô-la aos colegas, mas esta deveria conter alguns requisitos. Sem nada escrever, eles deveriam inventá-la em seu começo e seu fim, sendo o desenvolvimento desta totalmente improvisado. Durante a apresentação deveria ficar claro aos

colegas onde a cena estava acontecendo, o que estava acontecendo e quem estava participando dela, ou seja, seus personagens (SPOLIN, 2010, p.30).

Assim como no aquecimento, eles deveriam dar entonação nas frases e também poderiam fazer gestos ou até falar alguma palavra em outra língua, caso houvesse o chamado "branco". O objetivo principal de todo esse processo foi que eles percebessem que o motivo mais importante para que uma língua exista é para que haja a comunicação entre seus falantes. Nem mesmo um falante nativo de uma língua conhece todo o vocabulário que esta possui. Com um estudante de língua estrangeira isso não seria diferente.

Dadas as instruções, formaram-se quatro grupos possuindo três integrantes cada. Foi dado um tempo em torno de dez minutos para que a cena pudesse ser montada e assim dar início às apresentações.

Foi claramente visível o grau de mudança da turma. Todos os grupos conseguiram montar a cena, cada um contendo sua especificidade. Os integrantes conseguiram se expressar de maneira clara e com muita desenvoltura e os três requisitos pedidos, a saber: O quê? (situação); Quem? (personagens); e Onde? (lugar), puderam ser identificados com facilidade em cada apresentação.

Ainda seguindo com o ateliê, ao final das exposições, foi feito um pequeno debate com os alunos sobre o que eles acharam das apresentações dos colegas e qual foi a sensação de estar à frente da sala, encenando. Novamente, a surpresa foi muito boa. Pessoas que no início não falavam, deram sua opinião de forma bem espontânea, podendo-se assim perceber a tranquilidade em que a turma se encontrava. Para finalizar a atividade, foi pedido um diário de bordo para que eles pudessem relatar seus sentimentos e opiniões em relação ao trabalho que havia sido feito.

Após todo esse processo, uma coisa ficou clara: o medo inicial que pairava sobre a sala sumiu durante a atividade, fato que pôde ser constatado a partir da análise qualitativa dos diários de bordo. Na análise dos depoimentos, pôde-se perceber algumas semelhanças entre as descrições, sendo estas assim, um critério para o agrupamento das análises. Eis algumas delas:

- *Entrosamento/ Medo de errar*

"Achei a atividade bem interessante. Com essa atividade, tive um contato maior com as pessoas que eu via todos os dias na aula, mas não conversava com elas. Isso me fez perder um pouco da vergonha que eu tinha de falar francês na frente deles. Isso ficou claro para mim na última parte da atividade quando devíamos fazer um improviso na frente de toda a turma. Me senti mais livre para falar e as frases saíram com mais facilidade. Acredito que essa atividade seja eficaz, no sentido de livrar os alunos do medo de praticar uma língua estrangeira, na frente de outros. Gostei muito da atividade" (LEA/18 anos/Sexo masculino).

"Na última atividade, a possibilidade de criar o diálogo e a situação, sem ter a preocupação de estar falando correto ou estar comentando sobre algo que possui uma resposta que deve ser seguida, permitiu que, mesmo falando errado, os alunos se expressassem mais" (LEA/20 anos/Sexo feminino).

"A atividade foi bem interessante e bem proveitosa para a turma, fazendo integração entre os estudantes e tentando retirar o medo dos mesmos a falar uma língua estrangeira durante um ato improvisado" (LEA/20 anos/Sexo masculino).

No que diz respeito ao entrosamento aliado ao medo de errar, é importante ressaltar o fato de a turma ter tido uma maior proximidade entre si com a atividade. Como descrito nos depoimentos acima, os estudantes tinham vergonha do que os colegas poderiam achar uns dos outros, justamente por não haver essa comunicação entre eles. Eles estudam em uma mesma sala, mas é como se fossem desconhecidos, o que para muitos acaba se transformando em um fator de grande desconforto, e este vindo a se agravar por se tratar de uma aula língua estrangeira.

Seguindo com esse raciocínio, Schneuwly e Dolz (2010) declaram que:

Tomar a palavra está em relação íntima com o corpo. O organismo pode trair o mal-estar e o medo do locutor quando este se deixa escapar índices involuntários de emoção (aceleração do ritmo cardíaco, críspação dos músculos, sangue que aflui ao rosto, estrangulamento da voz), sejam eles perceptíveis ou não, linguística e prosodicamente (SCHNEUWLY E DOLZ, 2010, p. 133).

Dando continuidade à reflexão dos autores, é muito penoso se expressar quando o ambiente não está propício a tal acontecimento. Se não se está à vontade e, ainda mais, quando existe o medo do erro e

as possíveis consequências que este pode trazer, como a recriminação do professor ou a chacota da turma, isso se torna realmente um problema muito sério que, se não tratado logo de início, pode trazer sérias consequências àquele que o vivencia. Por isso, a importância de sempre procurar criar um ambiente onde todos percebam que estão juntos no aprendizado e que o erro faz parte deste.

Prosseguindo com a análise dos diários de bordo, percebeu-se que a descontração foi outro ponto presente nos depoimentos, sendo então escolhido para averiguação.

- *Descontração*

"Foi uma atividade descontraída e diferente daquilo que estávamos acostumados a fazer em sala de aula. Acho que é importante fazer isso às vezes para desinibir um pouco os alunos, o que ajuda no aprendizado. Além disso, fazer com que eles improvisem, mesmo que seja difícil, pode ajudá-los a utilizar melhor o francês" (História/20 anos/Sexo masculino).

No que tange à descontração, é perceptível o quanto esse fator é importante para o aprendizado. Em um ambiente onde ocorrem as mesmas coisas em todas as aulas, torna-se monótono, fazendo assim com que os alunos se desmotivem e percam até o interesse pela língua em si. O aluno tem de experienciar, mesmo que em situações montadas em sala de aula, os diversos usos que a língua possui para que assim possa estar ciente do que lhe aguarda quando for confrontado em situações reais.

Acompanhando esse ponto de vista, Courtillon (2003) ressalta que:

[...] o jogo de papéis deve propor "situações problemas" [...] elas são necessárias em certa medida, pois elas suscitam a criatividade dos estudantes e os obrigam a explorar seus conhecimentos linguísticos para se expressar⁶ (COURTILLON, 2003, p. 71, tradução nossa).

Outro critério escolhido para análise foi o do improviso aliado à oralidade.

⁶ «[...] le jeu de rôles doit proposer des « situations problèmes » [...] elles sont nécessaires dans une certaine mesure parce qu'elles suscitent la créativité des étudiants, et les obligent à explorer leurs connaissances linguistiques pour s'exprimer» (COURTILLON, 2003, p. 71).

- *Improviso*

"A ideia do improviso é ótima, pois é um momento real onde devemos empregar nossas habilidades na língua, sem recorrermos a ferramentas auxiliares tais como dicionário, escrita, Google etc. Para a oralidade, somente a prática dá uma dimensão real dos desafios e dificuldades a serem superadas" (Artes/24 anos/Sexo masculino).

"No meu ponto de vista, achei que a atividade proposta foi interessante, pois incitou os alunos a falarem o idioma francês. Neste aspecto, a didática da improvisação e repetição de frases ajudou na motivação da expressão oral da língua" (LEA/19 anos/ Sexo feminino).

No que concerne ao improviso, pode-se perceber que ele está diretamente ligado à oralidade. Esse fato é visível nos depoimentos. É importante estudar as regras gramaticais em sala de aula, mas se elas não forem colocadas em prática, o estudo de uma língua torna-se deficitário, pois, como já dito anteriormente, o motivo principal desta existir é para que se haja a comunicação entre seus falantes. A esse respeito, Courtillon(2003) diz que: "a gramática, no início da aprendizagem, não deve ser estudada em si mesma, mas na medida em que ela facilita a compreensão"⁷ (COURLILLON, 2003, p. 56, tradução nossa). É necessário que haja o entrosamento entre gramática e oralidade para que essa aquisição aconteça de forma natural.

Continuando com essa análise, é somente se arriscando que se atinge o aprendizado. Na atividade em si, os alunos tiveram que recorrer ao conhecimento que eles já possuíam para que eles pudessem desenvolver o que se foi pedido. Como antes eles possuíam certo bloqueio ao se expressarem oralmente, foi fundamental a criação de um ambiente onde a espontaneidade pudesse vir à tona. Tendo-se essa percepção, Spolin (2005) esclarece que: "A espontaneidade é um momento de liberdade pessoal quando estamos frente a frente com a realidade e a vemos, a exploramos e agimos em conformidade com ela" (SPOLIN, 2005, p. 05).

Sendo assim, o aluno produzirá melhor se estiver em um meio onde seja incitada a espontaneidade, sem recriminações ou punições.

Ainda seguindo com as análises, percebeu-se a importância que os participantes deram ao fato de se ter trabalhado o texto teatral em sala de aula.

⁷ «[...] la grammaire, en début d'apprentissage, ne dois pas être étudiée pour elle-même, mais dans la mesure où elle facilite la compréhension» (COURLILLON, 2003, p. 56).

- *Teatro como ferramenta*

"Sempre achei que o teatro é o meio mais eficiente para que um grupo pudesse interagir de forma menos despreocupada, quebrando o gelo. O teatro permite que nos coloquemos no lugar do outro, nos tira da zona de conforto, coloca à prova toda a potencialidade de comunicação do ser humano. Utilizar técnicas do teatro aliado ao aprendizado de línguas estrangeiras é uma ideia genial! Ainda mais a língua francesa, que é tão rica de textos dramáticos. Além de ser uma alternativa aos textos literários clássicos, quem nem sempre são tão bem recebidos pelos alunos, seja pela linguagem, ou mesmo a preguiça de ler" (Ciências Políticas/21 anos/Sexo masculino).

O texto teatral foi estrategicamente selecionado por ser capaz de desenvolver várias áreas em quem o escolhe como material de trabalho, como, por exemplo, a expressão oral e a corporal. Como ele possui a característica de fazer existir "o outro", o personagem, a pessoa que está encenando, de certa forma, perde o medo ou a vergonha de estar à frente de uma plateia, pois aquele personagem não faz parte do que ela é na verdade, tornando-se assim um momento lúdico, de descontração e, ao mesmo tempo, de aprendizado. Como relatados nos diários acima, o teatro tem a função de fazer com que se saia da zona de conforto e que se encare um público, amenizando-se a sensação de desconforto na hora de falar.

Seguindo-se com essa ideia, Reis (2008) sublinha que:

O teatro é ainda, de uma forma mais primordial, o agir "como se", sendo o seu elemento fundamental o prazer lúdico de passar por outra pessoa, usando nesse processo o corpo, a voz, os gestos, em suma, o não-verbal como recurso expressivo além do linguístico (REIS, 2008, p.61).

Sendo assim, é visível o benefício que a utilização deste recurso pode trazer para que a oralidade possa ser desenvolvida em sala de aula, mas, considerando que toda turma é diferente da outra, cabe ao professor avaliar se a utilização deste meio pode trazer benefícios ou não aos seus alunos.

Conclusão

O intuito da realização desta pesquisa foi avaliar até que ponto o texto teatral seria capaz de auxiliar no desenvolvimento da oralidade de estudantes de nível intermediário de LE.

Através das reflexões explanadas, percebeu-se que o aluno, quando chega a esse nível de aprendizado de uma língua estrangeira, encontra certa dificuldade para poder se expressar oralmente por não ter tido a oportunidade de desenvolvê-la.

Entendeu-se a necessidade de buscar nos gêneros textuais o auxílio necessário para que esse problema pudesse ser minimizado, escolhendo-se em particular o texto teatral por este possuir características que seriam capazes de incitar o desenvolvimento da fala em sala de aula.

Aliado a esses recursos, utilizou-se a metodologia denominada Pesquisa-Ação, na qual o pesquisador e o grupo que apresenta o problema, agindo juntos, encontrariam uma solução para tal.

Após ocorrida a experiência prática na qual se buscou colocar em ação todos os pontos discutidos, foi possível perceber, através das análises dos diários de bordo – material de coleta de dados –, que o objetivo principal da pesquisa pôde ser alcançado. Notou-se que a utilização do texto teatral em sala de aula foi capaz de proporcionar um ambiente de leveza e naturalidade, condicionando os alunos a falarem sem medo ou vergonha.

Diante do exposto, pode-se concluir que para amenizar, ou até mesmo sanar, o problema do receio em falar em língua estrangeira, é preciso buscar alternativas que façam com que a turma se sinta à vontade com a atividade proposta. Um grupo sempre será diferente de outro e cabe ao professor perceber esta particularidade e buscar meios que ajudem seus alunos. O importante é criar um ambiente que seja propício para que a capacidade oral possa ser desenvolvida e assim eliminar o fantasma da insegurança que ainda ronda sobre muitas salas de aula.

Referências

- AKAKPO, G. **À petites pierres**. Paris: Lansman Editeu, 2007.
- BARBIER, R. **A Pesquisa-Ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.
- COURTILLON, J. **Élaborer un cours de FLE**. Paris: Hachete Livre, 2003.
- SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na Escola**. 2. ed. Tradução de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

REIS, M. G. M. **O Texto teatral e o jogo dramático no ensino de Francês Língua Estrangeira**. 2008. Tese (Doutorado em Língua Estrangeira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2008.

SPOLIN, V. **Improvisação para o Teatro**. Tradução: Ingrid Dormien Koudela e Eduardo José de Almeida Ramos. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010.

Recebido em 30 de maio de 2013.

Aceito em 16 de outubro de 2013.